

<https://doi.org/10.1590/198053146372>

“JULGUEMOS O PRESENTE PELO PASSADO”: COROAMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PELOS ESPORTES

Juliana Martins Cassani^I

Amarílio Ferreira Neto^{II}

Lucas Oliveira Rodrigues de Carvalho^{III}

Wagner dos Santos^{IV}

Resumo

O artigo analisa as orientações para o ensino dos esportes publicadas na imprensa periódica de ensino e de técnicas da educação física, no período 1932-1960, tendo como fontes a Revista de Educação Física e a revista Educação Physica. Utilizou-se, como pressuposto teórico-metodológico, o conceito de análise pela materialidade dos impressos. As fontes acenam para um conjunto de saberes necessários ao exercício da docência, remetendo a um projeto de formação profissional. Estudar, apropriar-se corporalmente dos exercícios, mediar as relações interpessoais, conhecer as regras e a história das práticas esportivas são uma condição para o coroamento da educação física nas escolas, sem os quais perdem-se a profundidade e a complexidade requeridas para a organização dos seus programas de ensino.

EDUCAÇÃO FÍSICA • ESPORTES • PERIÓDICOS • MÉTODOS DE ENSINO

“WE JUDGE THE PRESENT BY THE PAST”: THE CROWNING OF PHYSICAL EDUCATION BY SPORTS

Abstract

This article analyzes orientations for teaching sports published in journals about the teaching and techniques of physical education from the period 1932-1960, using as sources the Revista de Educação Física [Journal of Physical Education] and Educação Physica [Physical Education]. The theoretical-methodological basis for the article was the analysis of the materiality of printed. The sources indicate a body of knowledge needed to teach physical education, related to a project of professional education. The conditions for crowning physical education in schools include the need to study, corporally appropriate the exercises, mediate interpersonal relations, and know the rules and history of sporting practices, to maintain the depth and complexity required for the organization of their educational programs.

PHYSICAL EDUCATION • SPORTS • PERIODICALS • TEACHING METHODS

^I Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória (ES), Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-6332-7930>; julianacassani@gmail.com

^{II} Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória (ES), Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-3624-4352>; amariliovix@gmail.com

^{III} Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória (ES), Brasil; <http://orcid.org/0000-0001-9489-8795>; lucasorcarvalho@gmail.com

^{IV} Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória (ES), Brasil; <http://orcid.org/0000-0002-9216-7291>; wagnercefd@gmail.com

“JUGER LE PRÉSENT A L'AIDE DU PASSÉ”: SACRE DE L'ÉDUCATION PHYSIQUE PAR LES SPORTS

Résumé

Cet article analyse les directives pour l'enseignement du sport publiées dans la presse périodique consacrée à l'enseignement et aux techniques de l'éducation physique (1932-1960). Il a pour sources la Revista de Educação Física et la périodique Educação Physica, et utilise, comme hypothèses théoriques et méthodologiques, le concept d'analyse de la matérialité de l'imprimé. Les sources indiquent un ensemble de savoirs nécessaires à l'exercice de l'enseignement, qui renvoie à un projet de formation professionnelle. Étudier, s'appropriier des exercices corporels, intermédiaire des rapports interpersonnels, connaître les règles et l'historique des pratiques sportives sont une condition préalable au sacre de l'éducation physique à l'école, sans laquelle la profondeur et la complexité nécessaires à l'organisation échappent à leurs programmes d'éducation.

ÉDUCATION PHYSIQUE • SPORT • PÉRIODIQUES • MÉTHODE PÉDAGOGIQUE

“JULGUEMOS EL PRESENTE POR EL PASADO”: CORONACIÓN DE LA EDUCACIÓN FÍSICA POR LOS DEPORTES

Resumen

El artículo analiza las orientaciones para la enseñanza de los deportes publicadas en la prensa periódica de enseñanza y de técnicas de educación física, en el período 1932-1960, teniendo como fuentes la Revista de Educação Física y la revista Educação Physica. Los supuestos teóricos y metodológicos utilizados fueron el concepto de análisis por la materialidad de los impresos. Las fuentes muestran un conjunto de conocimientos necesarios para el ejercicio de la enseñanza, que nos remiten a un proyecto de formación profesional. Estudiar, apropiarse corporalmente de los ejercicios, mediar las relaciones interpersonales, conocer las reglas y la historia de las prácticas deportivas son una condición para coronar la educación física en las escuelas, sin lo cual se pierde la profundidad y la complejidad requeridas para la organización de sus programas de enseñanza.

EDUCACIÓN FÍSICA • DEPORTES • PUBLICACIÓN PERIÓDICA • MÉTODO DE ENSEÑANZA

A EXPRESSÃO UTILIZADA NO TÍTULO, ELABORADA POR FERNANDO DE AZEVEDO EM 1922, está presente em seu ensaio sobre a história do esporte no Brasil, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em comemoração ao 1º centenário da Independência do país.¹ As análises de Azevedo (1960, p. 282) mostravam que a prática esportiva, mesmo recente na época e, conforme o autor, sem apresentar uma “tradição viva” entre os brasileiros, já produzia uma educação com frutos, considerada sábia e inserida em uma educação física (EF) que, “longe de ser artificial, se tem amolgado à realidade e aos fatos sociais”.

Ao interpretar historicamente o desenvolvimento da EF, Azevedo (1960) não desconsiderava o contexto no qual ela se encontrava: ainda embrionária, com os professores ministrando os exercícios fundamentados em seus próprios critérios, sem o denominado “rigor da ciência”. Afinal, o que deveriam ensinar? Os esportes, feitos de emotividade? Os jogos, de alegria e liberdade? Ou a ginástica, aplicada pela análise racional e científica?

Aos jogos atribuíam-se as bases para a primeira fase da EF (dos 6 aos 14 anos); à ginástica, caberia preparar o organismo dos jovens, sem a qual não se deveria “atrair o escolar para o esporte intensivo” (AZEVEDO, 1960, p. 77). Este,

¹ O ensaio foi incorporado à obra *Da Educação Física: o que ela é, que tem sido e o que deveria ser*, que tem três edições (1916, 1920, 1960). No artigo, dialogaremos com a edição de 1960.

por sua vez, constituía-se como o coroamento, e a não a base da EF – a qual seria obtida apenas pela ginástica, racional e progressivamente administrada.² Baseado em Philippe Tissié, Azevedo (1960) anunciou a necessidade de uma prática pedagógica que estabelecesse articulação entre esses exercícios, pois isoladamente nenhum deles seria suficiente para atender às condições exigidas de um método completo de EF.

De acordo com Schneider *et al.* (2014), Góis Junior, Melo e Soares (2015) e Góis Junior (2017), essas questões ofereciam as bases para os discursos de intelectuais, que propagavam a necessidade de criação de um perfil ideal do povo brasileiro, a fim de inseri-lo em um processo de modernização. Os autores afirmam que, na época, defendia-se a ginástica por suas práticas metódicas, racionais e científicas, bem como os esportes, por vulgarizarem os valores morais, físicos e intelectuais, necessários para a formação integral dos sujeitos. Essas pesquisas sinalizam que, no início do século XX, havia um cenário de negociações entre autores e formadores de opinião, militares e civis, em relação ao papel do esporte e da ginástica como exercícios que consolidariam a EF no país.

Azevedo (1960) ainda colocava a necessidade de se estabelecerem critérios em relação ao ensino dos esportes, a fim de que o professor não os retardasse, mas também não os precipitasse; ensinasse-os, mas não reduzisse a EF a eles, “que constituem uma parte, e não a base, mas o [seu] coroamento [...] e sua recompensa, [...] [trabalhando com o] menino o que fôr de menino, de acordo com o seu momento fisiológico” (p. 77). Se o esporte, para Azevedo (1960), ocuparia um lugar de coroamento no processo de escolarização da EF, como fazê-lo? Não seria necessário oferecer um conjunto de saberes que orientariam o professor quanto à sistematização de sua prática pedagógica?

Por compreendermos que esses processos contribuíram para a inserção e a consolidação da EF nos currículos escolares, assumimos como objetivo deste artigo analisar as orientações para o ensino dos esportes publicadas na imprensa periódica de ensino e de técnicas (1932-1960).³ Esses periódicos, editados no formato de revistas, livros e A4 e postos em circulação a partir da década de 1930 no Brasil, tinham como objetivo lutar pela EF, no que se refere à formação profissional, às legislações específicas e à sua incorporação nos programas escolares, definindo métodos e práticas, com ênfase nas ginásticas e nos esportes (FERREIRA NETO, 2005; FERREIRA NETO *et al.*, 2014).

Conforme Ferreira Neto (2005) e Ferreira Neto *et al.* (2014), esses periódicos traziam modelos a serem imitados por aqueles que ensinariam a EF, servindo como um receituário, em que os leitores encontravam prescrições de atividades para conduzirem suas aulas na escola. Cassani (2018), ao ampliar esse conceito, sinaliza que, além de modelos, os articulistas também publicavam bases teóricas,

2 Ao referir-se à ginástica, Azevedo (1960) sinaliza o método sueco como aquele cujos princípios científicos melhor orientariam o ensino da EF.

3 O artigo é desdobramento do projeto “Da imprensa periódica de ensino e de técnicas da EF: trajetórias de prescrições pedagógicas (1932-1960)”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes), Edital Universal n. 006/2014 – Processo n. 67.6438.25.

prescrições didático-pedagógicas sequenciadas, coletâneas e programas de ensino, a fim de orientar a prática e a formação de professores, contribuindo com a escolarização da EF.

FONTES E PROCEDIMENTOS

Referenciamos-nos em estudos de Roger Chartier (2002) sobre a análise dos impressos, assumindo-os como *dispositivos* (CHARTIER, A.-M., 2002) por meio dos quais saberes, modelos e formas de pensar são colocados à leitura. De igual modo, consideramos a intrínseca relação entre o texto escrito e as formas pelas quais ele chega ao leitor (CARVALHO, 2006), analisando o modo como os impressos se configuram em produtos de estratégias editoriais de difusão e conformação dos saberes pedagógicos.

Reconhecemos os dispositivos de leitura (CHARTIER, R., 2002) utilizados pelos editores e articulistas como recursos didáticos, que se articulam e materializam as normas pedagógicas veiculadas pelas revistas. Além disso, com base no *paradigma indiciário* (GINZBURG, 1989), examinamos os sinais, os indícios e os detalhes comumente secundarizados, para compreender as aproximações e os distanciamentos entre os artigos, dando visibilidade aos temas consolidados e/ou silenciados por aqueles que se dedicam à publicação das orientações didático-pedagógicas.

A justificativa para a periodização das fontes (1932-1960) apresenta motivos internos e externos ao objeto. Internamente, o ano de 1932 refere-se à circulação dos primeiros números das revistas com perfil editorial discutido por Ferreira Neto (2005), Ferreira Neto *et al.* (2014) e Cassani (2018), quais sejam, a *Revista de Educação Física* e a revista *Educação Physica*. Os motivos externos estão associados ao ano de término da imprensa periódica de ensino e de técnicas, 1960, pois, cumprindo os seus propósitos, acabou por fenecer, “faltando encontrar o seu lugar no século XXI” (FERREIRA NETO, 2005, p. 776).

Fundamentados nessas especificidades, tomamos como referência o mapeamento produzido por Cassani (2018), em um total de 1.783 artigos publicados na *Revista de Educação Física* (REF) (1932-1960), revista *Educação Physica* (REPhy) (1932-1945), *Boletim de Educação Física* (BEF) (1941-1958), *Revista Brasileira de Educação Física* (RBEF) (1944-1952) e *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física* (AENEFD) (1945-1966).

A seleção dos artigos foi delimitada pela leitura prévia dos títulos que remetiam a orientações para o ensino da EF, presentes na versão escrita do *Catálogo de Periódicos de Educação Física e Esporte* (FERREIRA NETO *et al.*, 2002). Nesse momento, não buscamos terminologias específicas nos títulos, selecionando aqueles com conteúdo que se aproximasse da prescrição e orientação didático-pedagógica do professor. Entretanto, no processo de aproximação e registro fotográfico das fontes, também foi necessário ler o seu conteúdo, artigo por artigo, a fim de delimitarmos o seu *corpus documental*. O manuseio dos impressos foi importante para selecionarmos também os artigos sem identificação de títulos, autoria e/ou sem

descrições textuais e, nesse caso, a escolha das fontes ocorreu pela análise de seu conteúdo e forma.

Diante do objetivo deste artigo, optamos por analisar a REF e REPHY. Após a leitura na íntegra das matérias, categorizamos as fontes em *prescrições didático-pedagógicas* e *estudos dos conceitos*, utilizados para o ensino dos esportes. Do total de 1.783 artigos mapeados, 334 referem-se às prescrições didático-pedagógicas e 276 aos estudos dos conceitos, conforme apresenta a Tabela 1.

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO DO CORPUS DOCUMENTAL

CATEGORIAS	PERIÓDICOS		TOTAL
	REF	REPHY	
Prescrições didático-pedagógicas	123	211	334
Estudo dos conceitos	84	192	276
TOTAL	207	403	610

Fonte: Elaboração dos autores.

Na categoria *prescrições didático-pedagógicas*, foram incluídos os artigos que ofereciam roteiros para o planejamento e a condução das sessões de EF, na escola. Os textos organizavam objetivos e metodologias, cuja forma se assemelha a planos de aula, intitulados pelos periódicos de lições/sessões de EF. Nessas matérias, também encontramos procedimentos didáticos específicos para o ensino dos exercícios físicos, orientando o professor em relação à maneira correta de realizar a técnica corporal, em projeções do corpo humano em movimento. Com o auxílio de imagens, descrições textuais e partituras, a finalidade era mostrar para o leitor como ensinar a dança, os jogos, as brincadeiras, os métodos ginásticos e os esportes.

Já os artigos denominados *estudo dos conceitos* trazem definições técnicas dos exercícios, com o objetivo de preparar e orientar o estudo do professor em relação às especificidades dos exercícios, antes que eles fossem ensinados. Esse *corpus documental* dialogava com as bases teóricas da EF, visando a fundamentar os seus objetos de ensino.

Para organização das fontes, elaboramos um banco de dados no *Microsoft Excel* para cada revista, contendo: ano de publicação; ano da revista; número; página da matéria; sessão do índice/sumário; autores; título; e descrição do conteúdo. Posteriormente, criamos um banco de dados para cada periódico no *software IBM® SPSS® Statistics – Version 22*, atribuindo variáveis para essas informações, a fim de procedermos aos cruzamentos entre elas.

O uso desse programa possibilitou uma visão ampliada do objeto da pesquisa, pois, diante de um número expressivo de artigos e de uma periodização que abrange 29 anos, foi preciso estabelecer os cruzamentos entre os dados. Esse procedimento ajudou, também, na localização e no manuseio das fontes, favorecendo a compreensão de sua forma e de seu conteúdo.

PRESCRIÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA TÉCNICA DOS ESPORTES

No total de artigos publicados pela *imprensa periódica de ensino e de técnicas* (1932-1960), verificou-se que os esportes, compreendidos na sua diversidade de práticas, se configuraram como os exercícios de maior relevância numérica (610), quando comparados com outras possibilidades de ensino, tais como ginástica (220), jogos (29), dança (28) e capoeira (2).

O impacto numérico de diferentes modalidades esportivas, nos impressos, estava imbricado com o modo pelo qual o esporte era visto pela sociedade brasileira. Por meio dele, as pessoas desenvolveriam hábitos de higiene, boa alimentação e organização da vida cotidiana. Sua prática traria à sociedade um novo repertório de atitudes, novas alternativas de adaptação, conferindo-lhe um comportamento disciplinado, organização coletiva dos movimentos e dos propósitos humanos (SEVCENKO, 1992). Ao orientar os brasileiros, por meio de um conjunto fixo de regras, códigos, limites e alternativas, o “espírito esportivo” incorporava-se à sociedade “[magnetizando], [eletrizando], [empolgando] coletividades inteiras, [...] [pois] a prática ou mesmo a contemplação do esporte traziam uma gratificação instantânea para seus aficionados” (SEVCENKO, 1992, p. 48).

Para Linhales (2009), o processo de escolarização do esporte estava inserido em um projeto cultural que se referenciava na “eficiência” da escola moderna como dispositivo de organização da vida social. Desse modo, o esporte foi incluído nos processos de escolarização, com o objetivo de contribuir para “impregnar a experiência escolar de sentidos e significados modernizadores” (LINHALES, 2009, p. 332), requerendo da educação física a necessidade de orientação e criação de métodos que oferecessem possibilidades educativas às novas gerações.

Com base nos discursos em prol dos esportes, vistos como práticas que contribuiriam para a formação da nova sociedade brasileira, os articulistas punham em circulação conhecimentos sobre diferentes modalidades esportivas, a fim de inseri-las no processo de escolarização da EF. Referimo-nos ao estabelecimento de critérios para a sua sistematização nos currículos escolares, fornecendo aos docentes os princípios necessários para tal. Os dispositivos utilizados conferiam diversidade e sequenciamento às práticas, por meio dos quais buscava-se o aprofundamento daquilo que se ensinava.

Nesse caso, os articulistas encontraram duas formas de abordar os esportes: por meio das *coletâneas* e das *progressões didático-pedagógicas*. As *coletâneas* buscavam aproximar o professor dos fundamentos da modalidade, preparando-os para o processo de apropriação dos conhecimentos específicos de cada exercício. Elas reuniam, em um único número, uma quantidade significativa de artigos sobre um mesmo assunto, associando textos categorizados como *estudos dos conceitos* e *as prescrições didático-pedagógicas*.

Já as *progressões didático-pedagógicas* eram constituídas por matérias publicadas sequencialmente, ao longo dos números dos impressos, seja em volumes sucessivos, seja em volumes posteriores (sem necessariamente serem consecutivos). Esses artigos apresentavam critérios em relação àquilo que deveria ser ensinado,

em um processo que considerava o aumento de complexidade das práticas, bem como a sua diversidade. Essas progressões foram captadas de diferentes formas: pela indicação de sua continuidade, ao final das matérias (com expressões semelhantes a “continua no próximo número”) e também no seu início (“continuidade do número anterior”); pela autoria, desde que o tema fosse o mesmo; pela semelhança na natureza das imagens e no formato dos títulos; e pelo próprio tema, mesmo sem indicativos de prosseguimento de matéria anterior.

Do total de 610 artigos presentes na Tabela 1, 136 foram caracterizados como coletâneas e progressões didático-pedagógicas, sendo 49 na REF – atletismo (15 séries), basquetebol (13), voleibol (8), futebol (7), natação (5) e tênis (1) – e 87 na REPHy – basquetebol (21), atletismo (17), futebol (16), natação (12), tênis (12) e voleibol (9).

Para fins desta pesquisa, analisaremos as orientações para o ensino de basquetebol, atletismo e voleibol.⁴ No Quadro 1, organizamos os artigos referentes a esses esportes, de acordo com os periódicos em que aparecem, a sua distribuição anual e os números em que foram postos em circulação.

⁴ Optamos por analisar essas modalidades, pois entendemos que elas são representativas do modo como outras práticas esportivas também são sistematizadas pelos articulistas.

QUADRO 1
ARTIGOS PUBLICADOS EM SEQUENCIAMENTO

DISTRIBUIÇÃO ANUAL

Modalidade	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1945
Basquete (13)		9-12 (4)	14 (1)	22-25 (4) 27-28 (2)		36 (1)	38-44 (7)			50 (2)	51-54 (4)		
Atletismo (15)		9-11 (3)	14-17 (4) 17-18 (2)	19,22,26 (3) 20-21 (2)			40 (2) 43-44 (4) 41-43 (3)						
Volei (8)			14-16 (4)	27,29 (2)			41 (1)	45,47 (2)					
Basquetebol (21)	1 (15)** 2 (2)	3 (2)	4 (2)		5-7 (6)	8-13 (13)	14-15 (2)	26-27 (2)	39-41 (4)	50-58 (17)	63-64 (2)	75 (2)	88 (7)
		3 (8)**			25,27 (2)	9-10 (2)	17 (1) 19-20 (4) 22-25 (5)	30 (2) 32-37 (8)	47-49 (3)	60-61 (2)	66,68 (2)		
Atletismo (17)									42 (1)	60 (1)	65-66 (2)		
									45-49 (7)	53,55,60 (3)	61 (2)		
									39-41 (3)		64-67 (4)	76 (2)	
									43,45 (3)		63-65 (4)		
									42-44 (3)		68,70 (3)		
									46,47 (3)				
Voleibol(9)		3 (1)	4 (2)		6 (10)**	7-11 (6)	20-21 (2)	26-27 (2)	48 (2)				
						13 (1)	23-24 (2)						

DISTRIBUIÇÃO ANUAL

Modalidade	1947	1948	1949	1950	1954	1955	1957	1958	1959
Basquetebol	56 (1)	57-59 (3)	61 (1)				85 (1)	87-88 (2)	
Atletismo		56 (1)	57 (1)		77 (1)	79 (1)		87-88 (2)	
Voleibol				64 (3)	76-77 (2)			89-90 (2)	92 (1)

No Quadro 1, os esportes foram organizados por revista, em ordem decrescente. Ao lado de cada modalidade, aparece, entre parênteses, o total de progressões didático-pedagógicas mapeadas. Nas colunas referentes aos anos, estão indicados os números dos periódicos e o quantitativo de artigos neles mapeados. Também identificaram-se, com asterisco e negrito, as coletâneas publicadas pelos articulistas, dentre as quais: ensino do basquetebol (15 matérias, n. 1); vôlei (10, n. 6); e atletismo (8, n. 3).⁵

Para a análise das fontes referentes ao basquetebol, atletismo e voleibol, consideraremos, por modalidade, sua coletânea e, posteriormente, suas progressões didático-pedagógicas. Especificamente, a divulgação do basquetebol como prática a ser ensinada no Brasil possuiu tamanha representatividade na REPHY que, dos 30 artigos publicados em seu primeiro número, 23 referiam-se a esse esporte. Desses, 15 eram orientações para a prática do professor, conforme mostra o Quadro 2.⁶

⁵ Esse recurso editorial também foi mapeado no tênis (5 artigos – número 10 da REPHY).

⁶ O Quadro 1 foi elaborado com base na leitura dos artigos, em que adotamos o mesmo sequenciamento dos conteúdos propostos pelos impressos.

QUADRO 2 COLETÂNEA DE BASQUETEBOL

Como executar a técnica de basquetebol

História
Manejo da bola
Passes
O lance à cesta
O lance livre
Manejo do corpo
Sistemas táticos

A técnica do juiz de basquetebol

Seguir a bola
Tomar decisões
Uniformizar-se
Verificar a quadra e os materiais
Estabelecer regras
Revisar as regras

O valor do "coach" em um time

Conhece a técnica e o preparo físico
Estuda e organiza a defesa e ataque
Indica o que deve ser feito
Comanda e prepara a um fim visado

História do basquetebol no Brasil

Escola Normal de São Paulo (1906)
ACM (1912)
Torneios (inter)nacionais
Inserção nas escolas pelas ACMs
Interesse, preparo e habilidade

Qualidades de um bom jogador

Observador
Poder mental
Concentração
Confiança

Comentários sobre o basquetebol

É preciso formar juizes
Vantagens em praticá-lo
Adequado para a raça latina
Requer preparo e treinamento

Imprensa e esporte

Disputas com futebol e turf
Necessidade de formar um público
A propaganda aumenta seus adeptos
As críticas produzem maior eficiência
Obra de são patriotismo

Partida de basquetebol

Apuro técnico das equipes
Grau de disciplina dos atletas
Boa atuação dos juizes
O número da REPHy aperfeiçoa a modalidade

Combinações de sucesso

Importância dos sistemas de ataque
O professor possui um sistema organizado e os alunos o entendem
Uso e explicações de diagramas com movimentação da equipe

Fundamentos

Conceito do drible e sua prática
Conceito do giro e sua prática
Conceito de defesa e sua prática
Treinamento

Organização de campeonato

A matéria visa a divulgação do esporte
Verificação de regras, local e equipamentos
Elaborar torneios (uso de gráficos)
Elaborar campeonatos (uso de quadros)

No Quadro 2, foram organizados os principais assuntos discutidos na coletânea de basquetebol. Dos 15 artigos publicados, selecionaram-se 11, em virtude de suas aproximações quanto ao conteúdo e à ideia de prescrever para as práticas dos professores. A *coletânea* trazia temas como a necessidade de aprendizagem da técnica corporal, regras da modalidade, o exercício profissional do juiz, o papel do professor em organizar um quadro (ou equipe) de basquetebol e contribuir para a formação pessoal dos alunos. Os artigos discutiam, ainda, a história, o incentivo da imprensa à prática do basquetebol (por meio de divulgações, críticas e ensinamentos técnicos) e a organização de seus jogos (REZENDE, 1932; BOSCOLI, 1932; SIMS, 1932; KEOGAN, 1932; BROWN, 1932; ALBERTO, 1932; OEST, 1932; BALL, 1932; SANTOS, 1932; PACHECO, 1932; MORAES, 1932; CHIOCCA, 1932; CARLSON, 1932; EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932; ALLEN, 1932).

Ao lançar as bases para o ensino da modalidade, os periódicos mostram o conjunto de conhecimentos requerido para que os docentes planejassem a sua prática. Por ser uma *coletânea*, os artigos apresentavam formas distintas, a fim de gerar o interesse do professorado em divulgar e ensinar o basquetebol, diante dos desafios colocados pela própria imprensa em torná-lo uma prática popular no Brasil. Com esse objetivo, os articulistas utilizavam como estratégia a circulação de artigos que oferecessem ao professorado condições de ensinar a técnica da modalidade, bem como a propagasse, por meio da realização de torneios.

FIGURA 1
O BASQUETEBOL COMO TEMA DA CAPA DA REPHY



Fonte: REPHY (1932).

Conforme mostra a Figura 1, a capa do primeiro número da REPHY já oferecia pistas de que, naquele número, os articulistas publicariam artigos destinados à técnica do basquetebol. A presença de uma *coletânea*, em seu primeiro número, configurava-se como estratégia para convencer os professores sobre a importância

de conhecerem, de modo aprofundado, os objetos de ensino da EF, no caso, o basquetebol. Essa mesma estratégia editorial foi realizada para a divulgação do atletismo (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1933) e do voleibol (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1936).

Os editores, com esse recurso, tinham como intencionalidade instigar os professores sobre o conteúdo a ser lido em seu primeiro número, anunciando que, na REPHY, encontrariam artigos que os auxiliariam na realização e sistematização de suas sessões, em diferentes espaços. Ao oferecerem um número significativo de matérias sobre um mesmo tema, em seu volume de abertura, esses articulistas também sugeriam ao professor que todo aquele conhecimento seria aprofundado e detalhado nos números posteriores da REPHY. De fato, as orientações para o ensino do basquete foram publicadas em 60 dos 82 números do impresso.

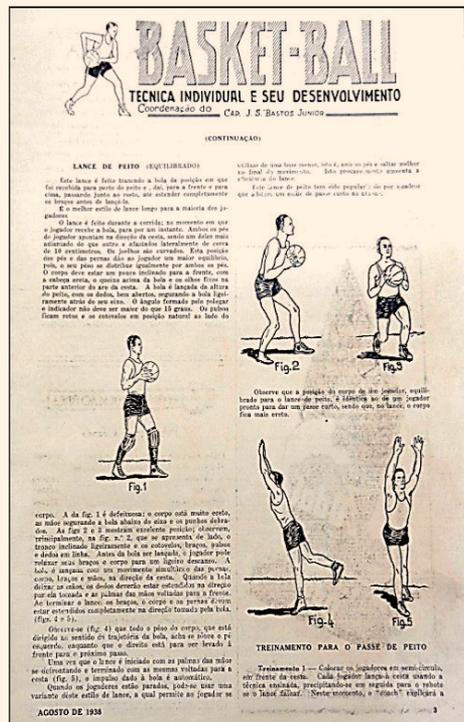
A natureza das matérias publicadas na coletânea era a mesma daquelas veiculadas nos números subsequentes. Além disso, o fato de a coletânea ter sido veiculada na REPHY não significava que o ensino dos fundamentos técnicos e táticos da modalidade estivessem presentes apenas nesse periódico. Ao contrário, também mapeamos progressões na REF, conforme mostram as figuras 2 e 3.

FIGURA 2 ENSINO DO PASSE



Fonte: Bastos Junior (1938a).

FIGURA 3 ENSINO DO LANCE DE PEITO, GANCHO E OMBRO



Fonte: Bastos Junior (1938b).

Essa progressão foi veiculada em 1938, em seis números sucessivos e possui semelhanças em sua forma (BASTOS JR., 1938a, 1938b, 1938c, 1938d, 1938e, 1938f).

Os artigos caracterizavam-se por prescrever a prática e orientar a formação dos profissionais que ensinavam a EF, por meio de desenhos sequenciados e descrições textuais, cujo objetivo era oferecer ao leitor o estudo dos fundamentos técnicos e táticos da modalidade. A cada número publicado, Bastos Junior abordava um fundamento específico do basquetebol e, em toda a progressão, se preocupava em mostrar para o docente como executar os movimentos.

O uso de desenhos e fotografias como dispositivos de leitura que contribuíam para a elaboração de orientações didático-pedagógicas também foi discutido por Biccás (2008), em análise da *Revista de Ensino* de Minas Gerais (1925-1940). Conforme a autora, os recursos imagéticos visavam a orientar metodologicamente os professores na realização das atividades e dos exercícios propostos, servindo como estratégia para atrair os leitores e promover uma leitura mais dinâmica e agradável. A imagem, nesse caso, é compreendida

[...] como um [dispositivo] material, para além dos textos não verbais, como parte fundamental do próprio suporte (revista) e suas formas de composição. Esses dois elementos são bastante significativos no que se refere à produção de efeitos e sentidos sobre as formas de leitura dos textos publicados na Revista. (BICCAS, 2008, p. 151)

Como analisado por Retz (2018), as imagens presentes nos artigos publicados na imprensa periódica de ensino e de técnicas constituíam dispositivos de modelização da leitura (CARVALHO, 2006), cujo propósito era colaborar com a formação daqueles que ensinavam a EF, fundamentados na ideia do fazer para aprender e o aprender fazendo (FERREIRA NETO et al., 2014). Ou seja, os professores também deveriam ser bons executantes, para que tivessem condições de ensinar os exercícios. A observação das imagens em articulação com os textos escritos oferecia modelos para que os leitores se apropriassem corporalmente dos exercícios. Nesse caso, as imagens faziam parte do projeto editorial desses periódicos, com o intuito de escolarizar a EF.

O uso desses dispositivos significou a produção de prescrições didático-pedagógicas que conferissem à EF o caráter essencialmente prático. Essa constatação está vinculada à própria urgência colocada pela modernização em requerer um homem formado para a ação. No entanto, não se tratava de uma prática pela prática, destituída de sentidos, mas sim articulada intrinsecamente ao intelecto e à moral dos indivíduos.

Nas figuras 4 e 5, é possível perceber como o basquetebol foi prescrito pela REPHy.

FIGURA 4
BOLA AO CESTO

BOLA AO CESTO

Entrenamento fundamental

Por CLIFFORD WELLS
High School, Laganappor, Ind., EE. UU.
De "Atlantic Journal"

Os melhores instrutores de bola-ao-cesto são aqueles que dependem mais tempo com os fundamentos. As qualidades de um bom jogador de cestobol são as seguintes: habilidade, velocidade, conhecimento do jogo, condição e calma. Por habilidade se compreende destreza no passar, apanhar, driblar, arremessar, parar, girar e guardar. Conhecimento do jogo significa o conhecimento das regras, diferentes estilos de jogo, estratégia e generalidades. A condição diz respeito à ausência de machucaduras, boa saúde e resistência. Por calma se entende a habilidade de um jogador em fazer melhor na competição do que na prática, jogar quando cansado e apertar os esforços. Se um jogador de bola-ao-cesto não possuir em grau elevado todas essas qualidades não será nunca um campeão. Estas qualidades são desenvolvidas somente por uma grande atenção para com os fundamentos. A maioria dos instrutores novos se preocupa mais com os jogos do que com os fundamentos dos mesmos. Muitos times ganharam importantes jogos porque o instrutor teve paciência bastante e visou para ensinar paradas e voltas antes que se dedicasse à estratégia e a generalidades.

É boa regra para um instrutor, ao selecionar um quadro de bola-ao-cesto, ensinar a todos os candidatos os fundamentos da habilidade, depois eliminar os jogadores que não são lutadores e, finalmente, daqueles que aprenderam os fundamentos, os melhores que são bons combatentes, para escolher os mais aptos e atentos para desenvolver o jogo de quadro e as generalidades.

ARREMESSO

O mais importante fundamento da bola-ao-cesto é o arremesso ao goal. O jogo de bola-ao-cesto ganha a partida. Gastamos bem metade de nosso período de prática lançando de algum modo os calcanhares. Ajudamos cada rapaz a melhorar sua forma de qualquer modo que arremesse. Nunca ensinamos ou forçamos um rapaz a usar o estilo ou forma que nós preferimos. O importante é colocar a bola dentro da cesta. Se o rapaz não o consegue fazer com certo grau de eficácia, então procuramos ensinar-lhe o lance de empurrar.

O primeiro requisito para o instrutor, ao ensinar este arremesso, é fazer que o jogador segure a bola com os dedos e não a empalme. O segundo é o equilíbrio, de modo que o jogador mantenha seu péto sobre a parte anterior do pé, com os joelhos levemente curvados e os calcanhares um pouco erguidos do solo. Os antebraços devem estar os mais possíveis paralelos ao solo. O terceiro é o arremesso. Fazemos com que os rapazes arremessem a um quadro. Alguns lançam do limite fronteiro do ar, ao passo que outros o fazem do limite posterior. Cada rapaz pode tentar ambos para verificar qual lhe contém mais para seus braços longos ou médios. Os rapazes nunca devem desviar os olhos do ar até que a bola tenha batido no goal. Muitos rapazes falham nos arremessos porque despregam a vista do quadro para acompanhar a vida da bola. Ensinamos os rapazes a dar certo efeito na bola e praticar no acompanhá-la e girar os pulsos no final do follow-through. Alguns preferem arregar a bola enquanto outros preferem lançar diretamente ao ar. O importante é lançar com o arqueamento que produz melhor encastamento. Depois que os rapazes

36

EDUCAÇÃO FÍSICA

Fonte: Wells (1939).

FIGURA 5
O ENSINO DO PASSE

Jogos, exercicios e planos para o ensino de BOLA-AO-CESTO

Por JOHN A. TORNEY JR.
Universidade de Washington

O ensino dos fundamentos do passe, arremesso, dribble e giro, de modo tal que entre o monótono é um dos problemas mais importantes a serem resolvidos pelo instrutor de cestobol. Neste artigo se encontram numerosos jogos, exercicios e conselhos para ensinar esses fundamentos.

John A. Torney Jr., que compôs esta lista, é professor de Educação Física na Universidade de Washington. O sr. Torney foi diplomado pela Universidade de Washington em 1923, e escola grau de professor em Colúmbia, em 1920. Desde 1923, como instrutor de natación, manteve-se os compromissos de natación estaduante das escolas secundárias. É também instrutor de tennis da Universidade de Washington.

PARSE

4. DUAS LINHAS (Uma frente a outra, distantes de 3 a 12 metros).

1. PASSE DE LANÇAMENTO, estacionário. Cada grupo se coloca em duas linhas, os jogadores desfilando-se. Os jogadores passam a bola atrás e à frente entre as linhas, até que atinja o fim. Especificar o tipo de passe e os passes de não direita e esquerda. Dois ou mais grupos podem praticar simultaneamente para competição (diagrama 3).
2. PASSE DE LANÇAMENTO, em movimento: O mesmo que o anterior, exceto o fato de que o receptor troca de lugar com o passador (diagrama 2).
3. PASSE DE REBOTE, Estacionário: O instrutor caminha no centro, entre as linhas, em passo suficiente para for-

TAIS planos são especialmente valiosos quando servem como meios de ensino dos exercicios fundamentais e técnicas essenciais, ao mesmo tempo que contrabalancam o aburrecimento ou diminuem a tensão.

É por esta razão que a seguinte lista de exercicios e jogos foi compilada. Não se procura incluir exercicios ou jogos complicados.

Estes exercicios podem ser classificadas de acordo com (1) o espaço requerido, (2) os jogadores requeridos, (3) formação de partida, (4) extensão da situação, (5) habilidade desenvolvida, (6) tempo requerido, (7) equipamento

Legend to Diagrams

Dribble ————

Pass - - - - -

Path of player in motion - - - - -

Path of ball on shot - - - - -

requerido, (8) esforço exigido. Foram classificadas abaixo, em conformidade com os fundamentos (ou desenvolvimento de habilidades) e formação de partida.

37

N.º 30 — Maio, 1939

Fonte: Torney Junior (1939).

Os artigos presentes nas figuras 4 e 5 tinham como finalidade ensinar possibilidades de movimentação em quadra (WELLS, 1939; TORNEY JR., 1939). As matérias simulavam pequenas jogadas, pelo uso de texto que explicavam os esquemas sequenciados e numerados, mostrando como os jogadores deveriam se movimentar em quadra, em diferentes situações.

A análise das fontes também anuncia a diversidade com a qual os editores organizavam os impressos, com o intuito de oferecer forma e conteúdo diferenciados para a prática profissional em EF. No que se refere às lutas de representações (CHARTIER, 1990), notamos que os usos de dispositivos com a criação de seções/títulos semelhantes nos números, fotografias, desenhos, esquemas e descrições textuais serviam como diferencial entre articulistas que buscavam se constituir como referência entre aqueles que prescreviam e orientavam a formação e a atuação dos professores. No caso dos títulos, as letras utilizadas na REF são acompanhadas de um desenho de jogador de basquetebol. Já na REPHY, os títulos estão sozinhos, com fontes mais formais do que no primeiro periódico.

Assim, também compreendemos que há, entre os articulistas em circulação nos periódicos, uma complementaridade no que se refere à publicação desses dispositivos de uso didático-pedagógico, a fim de oferecer os meios necessários para que o docente ministrasse a EF na escola, divulgando um projeto de escolarização bem delimitado em relação a metodologias de ensino e, assim, fortalecer sua inserção nos currículos. Isto é, para se consolidar no espaço escolar,

era preciso saber não só “o que se ensinava”, mas também “como se ensinava” – expressos nos diferentes dispositivos mobilizados pelos autores e editores.

Uma forma semelhante de fazer circular as prescrições para o ensino da EF foi observada no conjunto de artigos destinado ao atletismo, na coletânea publicada no número 3 da REPHY. Para organizar a coletânea, o corpo editorial fez uso de um índice, que foi apresentado no interior de suas páginas, antecedendo o conjunto de artigos publicados na referida coletânea.

FIGURA 6
ÍNDICE DA COLETÂNEA DE ATLETISMO



ÍNDICE

CORRIDAS:		BARREIRAS:	
Considerações gerais	17	As Provas	24
Corredores de Velocidade	17	Estilo nas Barreiras Altas	24
Corredores de 400 metros	17	Estilo nas Barreiras Baixas	25
Corredores de 800 metros	17	Passos no Ensino dos Novatos	25
Corredores de 1.500 e 3.000 metros	17	Aparelhamento	25
Corpo	17	Sugestões	25
Cabeça e Pescoço	17	ARREMESSO DO PESO:	
Hombros	17	Aparelhamento	26
Braços e Antebraços	17	Arremesso	26
Mãos	17	1º Modo de segurar	26
Pés	18	2º Posição inicial (para o direito)	26
Pernas	18	3º Saltar	26
Erros Freqüentes	18	4º O arremesso	27
Sugestões Gerais	18	Treino	27
A Chegada	18	Erros	27
A Saída Agachada	18	ARREMESSO DO DISCO:	
A Pista	19	Aparelhamento	29
Os buracos de saída	19	Melhor tipo de concorrente	29
Corredores na Pista	19	O arremesso	29
As suas logares	19	Modos de segurar	29
Prontidão	19	Posição inicial	29
Tiro	19	A Volta e o arremesso	29
Erros	19	Conselhos Gerais	29
Generalidades	19	ARREMESSO DO DARDO:	
Corrida Rápida de 100 Metros	20	Aparelhamento	30
Respiração	20	Tipo de concorrentes	30
Treino	20	O arremesso	30
Corrida de 200 Metros	21	Modos de segurar	30
Corrida de 400 Metros	21	Modo de Levantar	30
Uma semana de treino para 400 metros	21	Corrida e Arremesso	30
Corrida de 800 Metros	21	1. Estilo cruzando os pés	30
1.500 e 3.000 metros	22	2. Estilo finlandês	30
II—Estilo	22	3. Estilo com Salto	30
III—Treino preliminar	22	SALTO DE DISTÂNCIA COM IMPULSO:	
IV—Treino final intensivo	22	Tipo de concorrentes	31
I—Julgar o passo	23	Um bom conselho	31
Corrida de Reversamento	23	A Corrida	32
I—Provas clássicas	23	Estilos de saltos	32
II—Colocação dos corredores	23	Análise de saltos	32
III—A corrida	23		
IV—A passagem do bastão	24		

Fonte: Hoffer (1933a).

Conforme a Figura 6, presente na página 15 do impresso, os editores utilizaram um dispositivo de leitura que mostrava os conteúdos da coletânea – recurso este não empregado por nenhuma das coletâneas mapeadas. Nesse índice interno, os assuntos principais referiam-se às provas do atletismo e, como seus subtópicos, apareciam as temáticas a serem abordadas, todas com indicação de páginas. Esse é o caso das corridas com barreiras, que apresentaram como desdobramentos: estilos nas barreiras altas e baixas; passos para o ensino dos novatos; aparelhamento; e sugestões.

A presença desse recurso permite acenar para o uso do índice como um dispositivo que buscou orientar a leitura do professor, favorecendo o manuseio do periódico. Se, nas primeiras páginas da revista, o índice tinha a finalidade de mostrar para o leitor os conteúdos considerados “importantes” para a sua formação, a presença de outro índice, no interior da revista, favorecia, ainda mais, o direcionamento do seu olhar àquele conjunto de artigos anunciados na capa. A análise das fontes sugere a intencionalidade dos editores em fazer com que o leitor procurasse pelo assunto em destaque da revista, no caso, o atletismo. Ao

chegar na página indicada, ele encontraria as temáticas devidamente numeradas, localizando o assunto de seu interesse.

Ao analisar o índice geral das matérias, publicado a partir de 1938 na REPHY, Schneider (2010) afirma que esse modo de organização das matérias funcionava como um dispositivo de regramento de leitura, uniformizando a maneira com a qual o impresso seria utilizado. Configurava-se, também, como estratégia de controle, tanto em relação às matérias a serem lidas como pela ordem em que seriam apresentadas. Com o objetivo de produzir coerência em relação àquilo que era publicado, os editores ofereciam aos leitores um roteiro, por meio do qual localizavam os temas de seu interesse. Recursos esses também mobilizados para que a revista se constituísse em um repertório, “em que [se] poderia ter acesso de forma ordenada a conhecimentos distribuídos por assunto” (SCHNEIDER, 2010, p. 115).

Para que o impresso auxiliasse a prática do professor, oferecendo-lhe possibilidades didático-pedagógicas, o corpo editorial precisava criar os meios que facilitariam o uso das revistas pelos professores. Esses impressos buscavam, pela linguagem textual e visual, esclarecer os professores em relação aos exercícios a serem ensinados na escola, colocando-se como um manual, um guia facilmente manipulado no cotidiano, um orientador da prática profissional, podendo ser rapidamente lido, experienciado e aprendido a qualquer momento de dúvida – tanto na preparação como na realização das aulas. Por isso, foram publicados dois índices, a fim de criar nos docentes o interesse pela temática, orientar sua leitura e proporcionar-lhes as informações das quais precisariam, de modo ágil e esclarecedor. Para discutirmos sobre os assuntos abordados na *coletânea* do atletismo, organizamos o Quadro 3.

QUADRO 3
COLETÂNEA DE ATLETISMO

<p>Como executar a técnica das corridas</p> <p>Técnica dos segmentos corporais</p> <p>A chegada e a partida</p> <p>"Aos seus lugares". O que fazer?</p> <p>"Pronto". O que fazer?</p> <p>"Tiro". O que fazer?</p>	<p>Corrida rasa de 100, 200, 400 e 800 metros</p> <p>Características dos praticantes</p> <p>Técnica de respiração</p> <p>Planos de treinamento</p> <p>Técnica da passada</p> <p>Características das corridas</p>	<p>Corridas de 1.500 e 3.000 metros</p> <p>Estilo dos praticantes</p> <p>Treino preliminar</p> <p>Treino final</p> <p>Técnica da passada</p>	<p>Corridas de revezamento</p> <p>Provas e suas características</p> <p>Colocação dos corredores na pista</p> <p>A passagem do bastão na pista</p> <p>Métodos de passagem do bastão</p>	<p>Corridas com barreiras</p> <p>Provas e suas características</p> <p>Estilo nas barreiras altas e baixas</p> <p>Técnica da passada</p> <p>Aparelhamento</p> <p>Sugestões</p>	<p>Arremesso de peso</p> <p>Características físicas</p> <p>Aparelhamento</p> <p>Técnica do arremesso (modo de segurar, posição inicial, saltitar e arremessar)</p> <p>Como treinar</p> <p>Erros cometidos</p>
--	---	---	---	--	--

<p>Arremesso do disco</p> <p>Aparelhamento</p> <p>Características físicas</p> <p>Estilo de arremessos</p> <p>Modo de segurar o disco</p> <p>Posição inicial do atleta</p> <p>A volta e o arremesso. Conselhos</p>
--

<p>Arremesso de dardo</p> <p>Aparelhamento</p> <p>Características físicas</p> <p>Modo de segurar e levar o dardo</p> <p>Corrida e arremesso. Estilos</p>

<p>Salto de distância com impulso</p> <p>Características físicas</p> <p>Aparelhamento</p> <p>Técnica da passada</p> <p>Técnica do salto</p> <p>Conselhos</p> <p>Preparo físico</p>

<p>Salto de altura com impulso</p> <p>Características físicas</p> <p>Aparelhamento</p> <p>A corrida e as marcas</p> <p>Estilos</p> <p>Conselhos</p> <p>Preparo físico</p>
--

<p>Salto com vara</p> <p>Aparelhamento</p> <p>Características da pista</p> <p>Modo de segurar e cravar a vara no buraco</p> <p>Modo de estabelecer a marca</p> <p>O balanço e o volteio</p> <p>O preparo físico</p> <p>Como ensinar a voitar</p>

Fonte: Elaboração dos autores.

O Quadro 3 foi elaborado de acordo com as temáticas abordadas na *coletânea*. Ela foi composta por apenas um artigo, no entanto, para evidenciarmos as especificidades dos detalhamentos técnicos da modalidade, optamos por assumir os nove textos sobre as provas do atletismo como referências específicas (HOFFER, 1936a, 1936b, 1936c, 1936d, 1936e, 1936f, 1936g, 1936h, 1936i). Com base nessa escolha metodológica, todos os tópicos apresentados no quadro consideram as características da modalidade.

A organização utilizada pelos editores e articulistas para publicar os assuntos da *coletânea* evidenciou os critérios com os quais o atletismo deveria ser ensinado. O professor sistematizaria a sua prática pedagógica considerando as provas específicas do atletismo, de modo que a sua progressão e o seu aprofundamento ocorressem de acordo com o grau de complexidade técnica das provas. Partia-se das corridas de curta e longa distância, para atribuir-lhes um nível de dificuldade maior, indicado pela inserção e troca de objetos entre os componentes de uma mesma equipe, no caso, as corridas de revezamento e com barreiras. Adquirida a técnica da corrida e de deslocamentos, eram ensinadas as provas de arremesso (peso, disco e dardo).

Essa progressão mostra-nos necessária, pois, se em um primeiro momento a centralidade da ação corporal era a corrida, posteriormente o foco estava na manipulação de aparelhos, requerendo maior precisão e força do aluno, para obtenção de êxito nas provas. Nos artigos, privilegiavam-se os detalhamentos em relação aos aparelhos utilizados, as características físicas dos praticantes e o modo correto de executar os movimentos específicos das provas.

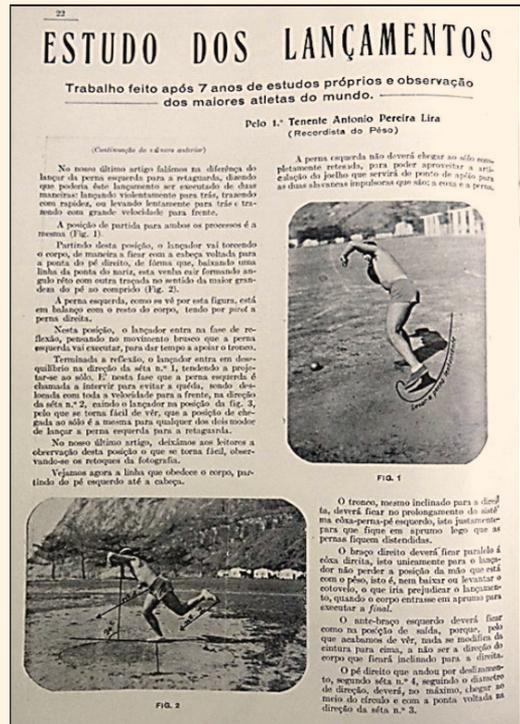
Essa *coletânea* sugeriu que, dentre as provas do atletismo, aquelas de maior complexidade seriam as provas de saltos e, por esse motivo, se configuraram como as últimas a serem trabalhadas pelo professor. Os saltos requeriam o aprimoramento da corrida (considerada a base para todas as aprendizagens do atletismo), bem como o uso de técnica corporal específica nas fases de impulso, salto e aterrissagem. Para todas as provas (salto de distância, de altura e com vara), foram explicitadas textualmente: características físicas do praticante; técnica da passada; estilos de saltos; aparelhamento; técnica dos saltos; e preparo físico – sem o uso de recursos imagéticos.

Já na REF, a primeira progressão técnica sobre atletismo estava fundamentada no diálogo entre texto e fotografia, inclusive utilizando esses dispositivos para mostrar para o professor aspectos biomecânicos do movimento humano, como apresentam as figuras 7 e 8.

FIGURA 7
ESTUDO DOS LANÇAMENTOS



FIGURA 8
ESTUDO DOS LANÇAMENTOS (CONTINUIDADE)



Fonte: Lira (1933a).

Fonte: Lira (1933b).

As figuras 7 e 8 referem-se a artigos presentes na progressão didático-pedagógica de atletismo, composta por cinco artigos, todos elaborados pelo 1º tenente Antonio Pereira Lira (1933a, 1933b, 1933c, 1934a, 1934b). A semelhança dos títulos das progressões do basquetebol e de atletismo, na REF, permite afirmar que o uso de títulos iguais para todos os artigos das progressões se configura como um dispositivo de leitura, cuja finalidade era caracterizar a sua continuidade e aprofundamento, ao longo dos números. As matérias assinadas por Lira (1933a, 1933b) eram intituladas “Estudo dos lançamentos: trabalho feito após 7 anos de estudos próprios e observação dos maiores atletas do mundo”. Já as produzidas por Bastos Junior (1938a, 1938b) tinham o título “Basket-ball: técnica individual e seu desenvolvimento”, como visto nas figuras 2 e 3.

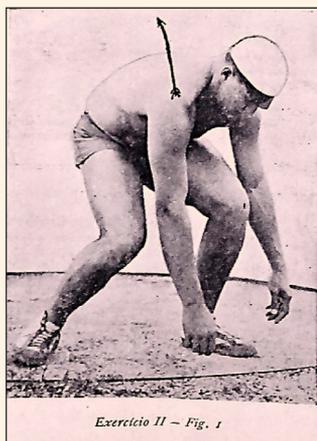
A análise das críticas lançadas pelo 1º tenente Lira (1933a, 1933b) aos livros sobre atletismo publicados no Brasil, especialmente os produzidos na Alemanha e nos Estados Unidos da América (EUA), oferece pistas das disputas por quem se constituiria como autoridade em relação ao ensino dos esportes e da EF no país. O descontentamento do autor devia-se à necessidade de o Brasil desenvolver uma técnica própria, sem que precisasse “imitar” as referidas escolas. Para Lira (1933a), os materiais dedicados ao ensino do estilo alemão e americano estavam mais preocupados com as questões teóricas da modalidade do que, de fato, com o ensino do atletismo pela observação e pela prática.

Mesmo em um cenário no qual as culturas alemã e americana eram assumidas como referência no Brasil (SCHNEIDER *et al.*, 2014), compreendemos que as tensões provocadas por Lira (1933a) reclamavam o seu lugar de autoridade como 1º tenente do Exército e recordista da prova de lançamento de peso. Ao contrário do que analisou sobre os impressos alemães e americanos, Lira (1933a) apresentou possibilidades “reais e práticas” para o trabalho com o atletismo, anunciando metodologias de ensino e de aprendizagem dos lançamentos, materializadas em lições específicas para a modalidade.

Lira (1933a) sinalizava, nesse caso, a necessidade de o professor com formação em EF “estudar as suas próprias experiências”, pois, por meio da observação e da exploração dos elementos técnicos, poderia apropriar-se corporalmente dos seus objetos de ensino, para sistematizar a sua prática pedagógica. Com essas ações, ele buscava constituir-se como autoridade na área e no próprio mercado editorial da EF, já que suas críticas estavam direcionadas às obras produzidas em países tidos como referência, como a Alemanha e EUA.

Nesta progressão didático-pedagógica, todos os artigos da coletânea demonstravam, por descrições textuais e fotografias, o modo “correto” de realização dos exercícios, incorporando ferramentas da biomecânica às suas explicações, conforme mostram as figuras 9 a 11.

FIGURA 9
EXERCÍCIO 1 DE FLEXÃO
DAS PERNAS E EXTENSÃO
DO TRONCO



Legenda:
“O lançador baixa sôbre a perna esquerda, ficando com o nariz acima dos joelhos e os braços por fora da coxa esquerda, com as mãos quasi a tocar o sólo”.

Fonte: Lira (1934a, p. 35).

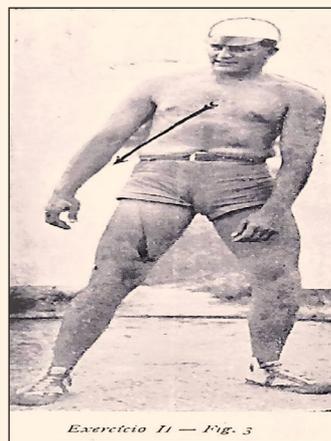
FIGURA 10
EXERCÍCIO 2 DE FLEXÃO
DAS PERNAS E EXTENSÃO
DO TRONCO



Legenda:
“Com a extensão vista acima, o lançador se encontra na posição desta figura”.

Fonte: Lira (1934a, p. 35).

FIGURA 11
EXERCÍCIO 3 DE FLEXÃO DAS
PERNAS E EXTENSÃO DO
TRONCO



Legenda:
“[...] vemos que o lançador executou um giro com o tronco, para ficar em situação apropriada, afim de baixar sôbre a perna direita”.

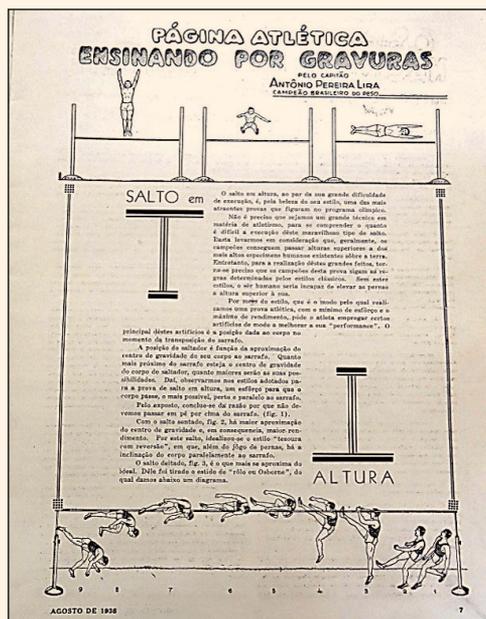
Fonte: Lira (1934a, 1936).

De acordo com as figuras 9 a 11, utilizava-se como recurso iconográfico o desenho de setas nas fotografias, a fim de mostrar para o professor o ângulo

adequado para a execução e o ensino dos movimentos. Em toda a coletânea, Lira (1933a, 1933b, 1933c, 1934a, 1934b) enfatizou que o processo de aprendizagem do atletismo só ocorre pela “prática” e, por essa razão, apresentou diferentes recursos que facilitariam as apropriações do professor em relação ao objeto de ensino da EF. Os artigos eram semelhantes quanto à sua forma e mobilizavam aquilo que o autor denomina de “artifícios”, meios pelos quais o leitor era incentivado a “desvendar os segredos” técnicos da modalidade. Artifícios esses que, fundamentados na biomecânica, constituiriam os impressos como dispositivos didático-pedagógicos, favorecendo a ampliação dos conhecimentos dos professores, a fim de prepará-los para o ensino do atletismo.

As figuras 12 e 13 correspondem a outras progressões didático-pedagógicas elaboradas por Lira, oferecendo indícios de como os princípios da biomecânica foram apropriados pelo autor e lhe ofereceram as bases para diversificar o trabalho “real e prático” com o atletismo.

FIGURA 12
ENSINANDO POR GRAVURAS: SALTO EM ALTURA



Fonte: Lira (1938a).

FIGURA 13
ENSINANDO POR GRAVURAS: ESTILO TESOURA COM REVERSÃO



Fonte: Lira (1938b).

As figuras 12 e 13 compõem uma progressão didático-pedagógica de oito artigos de Lira (1938a, 1938b, 1938c, 1938d), publicada em números sucessivos e semelhante em sua materialidade: títulos (“Página atlética: ensinando por gravuras”), forma e conteúdo. Nesta progressão, as matérias eram menores e pretendiam, de forma simplificada, ensinar para o professor diferentes estilos dos saltos em altura, no caso, o estilo “rôlo ou Osborne” (Figura 12) e o “tesoura com reversão” (Figura 13). Essa forma de publicação sugere uma estratégia em

publicar pequenos e concisos artigos, que servissem como uma bússola – em que o professor pudesse esclarecer suas dúvidas rapidamente, ao olhar para as imagens sequenciadas e as breves descrições textuais.

Notamos, especificamente, o modo como os conhecimentos da biomecânica foram apropriados pelo articulista, para explicitar de maneira mais didática os processos de ensino e aprendizagem da EF. Os desenhos utilizados não mais aparecem com setas, como visto na progressão publicada em 1933, mas sim com o próprio sequenciamento do movimento, em que há a indicação da técnica aprendida, nos diferentes tempos em que o corpo está em deslocamento.

Essas diferenciações também oferecem pistas (GINZBURG, 1989) sobre os usos do autor das diferentes áreas do conhecimento, com a finalidade de criar metodologias visuais que tornassem o ensino da EF “mais simples, real e prático”, conformando os impressos em dispositivos didático-pedagógicos. Referimo-nos ao diálogo dos articulistas com as pesquisas de Etienne-Jules Marey e de Demeny, em especial, sobre a utilização da cronofotografia como suporte de análise do movimento humano, sob as leis da mecânica.

Especificamente, a disposição das fotografias em ambas as progressões didático-pedagógicas de Lira explicita o processo com o qual as teorias de Marey e de Demeny contribuíram para a formação daqueles que ensinariam a EF, no Brasil. Na primeira coletânea, vimos o esforço em dispor fotografias caracterizadas pelo registro pontual do movimento. Por isso, o uso das setas facilitava a compreensão do professor em relação aos próximos movimentos que deveriam ser executados. Já na progressão publicada em 1938, os recursos iconográficos remetem-nos às apropriações do articulista à cronofotografia.

Conforme discute Cassani (2018), as apropriações dos articulistas a essas teorias contribuíram para que fossem publicadas orientações com dispositivos de leitura cujo detalhamento facilitaria o entendimento dos professores em relação aos exercícios a serem ensinados na EF. O ensino dos exercícios, nesse caso, estava fundamentado no estatuto de ciência moderna requerido pela EF, em que a produção de um conhecimento “verdadeiro” estava alicerçada na experiência e em fatos “demonstrados rigorosamente”. De modo semelhante às áreas da Biologia e Psicologia, o que a caracterizava como ciência era o uso de métodos para demonstrar “a maneira ou ordem que se segue em busca de algo, [...] para chegar a um fim que se deseja” (RAPOSO, 1958, p. 11). Nessas matérias em específico, o uso do método ficou evidenciado pelo esforço dos autores em mostrar, de forma mais clara, sequenciada e precisa, como ensinar o atletismo, facilitando a compreensão do professor sobre a correta realização dos exercícios.

De forma semelhante ao que ocorreu com o basquetebol e o atletismo, o voleibol foi anunciado como o conteúdo principal da capa da REPHY. Para cada capa, cujos destaques eram os exercícios a serem ensinados na EF, buscava-se criar o interesse por coletâneas que oferecessem novos conhecimentos e técnicas, ajudando os professores a sistematizarem sua atuação profissional. O Quadro 4 apresenta as principais temáticas abordadas na coletânea de vôlei publicada em 1936 na REPHY.

QUADRO 4 COLETÂNEA DE VÔLEI

Conselhos primários

- Técnica das mãos e pernas
- Assistir a jogos
- Conhecer as regras
- Aprender a sacar
- Saber se posicionar
- Conhecer funções do ataque e defesa

Como conduzir um torneio de vôlei

- Criar comissões organizadoras
- Preparar o local e equipamentos dos torneios
- Realizar reuniões de planejamento
- Conhecer situações para conduzir bem o torneio

Como introduzir o vôlei em uma comunidade

- Organizar comissões para inserir e vulgarizar a modalidade
- Como promover o vôlei e mostrar o desejo de aprendê-lo
- Financiamento para compra/venda de guias e livros
- Elaboração de um método educativo para apresentar possibilidades de jogo

Voleibol nos colégios

- Objetivos do vôlei
- Equipamentos e espaço necessário
- Indicado para estudantes porque é barato e, ao mesmo tempo, complexo
- Ensinar o método correto de sacar, recepcionar, levantar e cortar a bola
- Requer pericia individual e jogo em conjunto

Sinais com as mãos para juizes

- Mostram imediatamente as penalidades impostas
- Descrição textual dos sinais e seus significados no jogo

O jogo não é para velhos

- Inserção nos currículos escolares
- Necessidade de convencer os jovens a praticá-lo

O vôlei para senhoras e moças

- Necessidade de adaptação dos fundamentos (sem rodizio das posições e saque com auxílio)
- Uso de filmes como recurso didático-pedagógico
- Regras e adaptações

Para que jogar vôlei?

- Novidades técnicas que promovem prazer em jogar
- Estimula o espírito de cooperação

Fonte: Elaboração dos autores.

Composta por dez artigos, essa coletânea se diferencia das anteriores, pois ofereceu um conjunto de saberes que orientavam os professores em relação aos procedimentos que viabilizavam a inserção da modalidade em escolas, clubes, associações e comunidades. Destinada a docentes e a todos aqueles interessados em divulgar o esporte, a *coletânea* se constituiu em um plano para a institucionalização do voleibol no Brasil, fornecendo caminhos para a sua popularização (BROWN JR., 1936; LAVEAGA, 1936a, 1936b; CROMIE, 1936; BENNET, 1936; ASHLES, 1936; JOHNSON, 1936; CROSSMAR, 1936a, 1936b; ROGERS, 1936).

O ensino dos fundamentos técnicos assumiu lugar central para a sistematização da EF. Assim como analisado em todas as *coletâneas*, partimos da técnica da modalidade para, com base nela, aprender especificamente: a organização de torneios e de comissões que vulgarizariam o voleibol; métodos de ensino a serem trabalhados na escola; regras e sinais utilizados pelos juízes; especificidades do jogo para rapazes e moças, no espaço escolar; uso de recursos didáticos, como livros e filmes, com o objetivo de facilitar a aprendizagem; e motivos que impulsionariam e motivariam a prática da modalidade.

A análise da coletânea evidencia o processo com o qual os articulistas ofereceram possibilidades para que a EF fosse inserida no currículo escolar, mas, sobretudo, mostra que uma efetiva consolidação do seu processo de escolarização também era acompanhada de sua organização administrativa em outros espaços, que não a escola. Referimo-nos, nesse caso, a espaços de lazer e de treinamento esportivo, pois, à medida que as diferentes modalidades se tornavam acessíveis e eram fortalecidas nesses lugares, também se faziam potenciais para serem ensinadas nos programas da EF, na escola. Há indícios de que um projeto de escolarização de EF se retroalimentaria pelo ensino das práticas ao ar livre, nos clubes, nas associações e nas comunidades.

Não houve, nos periódicos, disputas em relação aos lugares em que a EF e suas manifestações corporais seriam ensinadas, ou, ainda, a ideia de que um serviria como meio para o desenvolvimento do outro (a escola como espaço para formar atletas, que poderiam atuar em clubes, por exemplo). Seria pelo trabalho em conjunto entre os profissionais que atuavam nesses diferentes segmentos que a EF seria fortalecida no projeto de formação humana integral e no currículo escolar.

Com base na análise das *coletâneas*, captamos e anunciamos três caminhos utilizados pelos articulistas, que conformavam os impressos em dispositivos de uso didático-pedagógicos. Organizamos esses critérios na Figura 14.

FIGURA 14
CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DAS COLETÂNEAS



De acordo com a coletânea do basquetebol, é preciso oferecer possibilidades para o ensino da técnica e das regras das diferentes práticas, mostrando o papel do docente na formação pessoal dos alunos. É necessário compreender o impacto dos veículos de comunicação, dos manuais e dos jornais no desenvolvimento e na consolidação da Educação Física no Brasil



Conforme a coletânea do atletismo, as publicações de progressões pedagógicas ajudam o professor a responder às “agitadíssimas questões” sobre como sistematizar a sua prática: “Como iniciar o processo de ensino e de aprendizagem de determinada prática? Como atribuir aprofundamento àquilo que ensino? Onde pretendo chegar, em relação à aprendizagem dos alunos?”



Para a coletânea de voleibol, é necessário reiterar a importância do ensino dos fundamentos técnicos das diferentes práticas e, ao mesmo tempo, mostrar para o professor possibilidades para a organização da Educação Física em diferentes espaços

Fonte: Elaboração dos autores.

A Figura 14, elaborada de acordo com o processo de análise das *coletâneas*, exprime os critérios utilizados pelos articulistas para fornecer dispositivos de uso didático-pedagógicos para os professores. Ela anuncia também os elementos necessários para a elaboração de suportes materiais com essa natureza, em especial publicações que abordam o papel dos professores na formação moral dos alunos, os objetos de ensino da EF de modo aprofundado, o ensino da técnica corporal articulado com a sua progressão pedagógica e o lugar que a EF ocupa na escola e em outros espaços. Para compreendermos como essas questões se apresentavam nas progressões para o ensino do vôlei, apresentamos as figuras 15 a 18.

As figuras 15 a 18 fazem parte de uma série de cinco artigos assinados pelo diretor-redator Howard W. Adams (1936, 1937a, 1937b, 1937c, 1937d), publicados nos números 7 a 11 da REPHY. Nesta progressão, foram ensinados as regras da modalidade, os fundamentos técnicos e os métodos de treinamento. Para apropriação da técnica corporal, indicava-se a necessidade de o professor recorrer aos ensinamentos dos números anteriores, por meio de afirmativas como “a technica do manejo de bola no levantamento e praticamente a mesma que Ella [sic] do saque, sendo esta explicada no número 10 de ‘Educação Physica’” (ADAMS, 1937d, p. 51).

Esse dispositivo de leitura constituiu-se em uma fórmula editorial que buscou orientar os professores quanto ao uso do periódico, visando a convencer o leitor sobre a necessidade de se referenciar em um conhecimento anterior, com o intuito de aprofundar os seus processos de aprendizagem. Isso também reforça o nosso argumento de que, para os articulistas, as práticas de ensino deveriam considerar o conhecimento produzido anteriormente, atribuindo-lhe complexidade. Estratégias como essas também sugeriam aos leitores a possibilidade de utilizar e se apropriar da REPHY como um material de apoio didático-pedagógico, pois eles precisariam guardar e colecionar os números anteriores para rememorar os conteúdos veiculados sequencialmente.

Quando analisados os artigos que prescreviam a prática e orientavam a formação dos professores, foram observados outros dispositivos utilizados pelo corpo editorial e articulistas para configurar tal material em coleções pedagógicas. Referimo-nos à publicação de artigos que, de maneira sequenciada, atribuíam aprofundamento ao ensino dos exercícios, gerando a necessidade de o leitor reunir os diferentes volumes, a fim de compreender a progressão didático-pedagógica necessária para o exercício da docência.

Assim, a análise dos artigos publicados por Adams (1936, 1937a, 1937b, 1937c, 1937d) anuncia os critérios utilizados pelo articulista para sistematizar a prática do professor, conformando os impressos em suportes de orientação profissional. A interpretação das fontes sinaliza que, para ser um dispositivo de uso didático-pedagógico, era preciso ter linguagem interativa, que convidasse e atraísse a atenção do leitor. Era necessário divulgar conteúdos que atendessem às expectativas dos que se dedicavam ao ensino do vôlei, sinalizando os critérios para a sua progressão didática, isto é, primeiro eram trabalhados os passes, posteriormente o levantamento e, ao final, as cortadas – as três jogadas consideradas fundamentais do ataque (ADAMS, 1937b).

De modo mais amplo, a aproximação entre os artigos das diferentes modalidades explicita uma concepção de formação humana fundamentada nos esportes, em que a técnica, a moral e o físico eram considerados interdependentes. A forma e o conteúdo dos artigos, nesse caso, encontravam-se imbricados, oferecendo-nos os fundamentos por meio dos quais esses periódicos foram elaborados, com a finalidade de orientar o professor.

Referimo-nos a métodos e normas didáticas para o ensino dos esportes que, de acordo com Hollanda Loyola (193-?), constituíam a base para a elaboração de princípios pedagógicos que conferissem unidade teórica para a EF. O

conhecimento teórico prático da técnica era critério para a formação de um “conjunto eficiente” no trabalho com os esportes – a união entre o preparo técnico, moral e físico –, preparando os alunos para desenvolverem “um harmonioso conjunto [dessas] três qualidades” (LOYOLA, 193-?, p. 69).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi analisar as orientações para o ensino dos esportes publicadas na imprensa periódica de ensino e de técnicas (1932-1960). A análise das coletâneas e das progressões didático-pedagógicas mostra a constituição desses impressos como dispositivos de uso didático-pedagógico, em que o leitor encontra orientações para o ensino dos esportes, as quais contribuíam para a sua prática e formação profissional em EF. A publicação desses artigos era intencional e imperativa por parte dos articulistas, mostrando-nos que não era possível aprender as diferentes modalidades esportivas, tal como deveriam ser praticadas, se os seus fundamentos técnicos não se constituíssem como a base de todo o processo.

Captamos ainda o modo como os impressos ofereceram os detalhes técnicos necessários para o ensino das práticas esportivas. A análise das fontes acena para um conjunto de saberes necessário ao exercício da docência, remetendo-nos a um projeto de formação profissional. Estudar, apropriar-se corporalmente da modalidade para ensinar aos alunos, mediar as relações interpessoais, conhecer as regras e a história das práticas esportivas eram uma condição para o “coroamento” da EF nas escolas e em outros espaços, sem os quais perdiam-se a profundidade e a complexidade necessárias para a organização dos programas de ensino.

Os recursos utilizados para prescrever a prática e orientar a formação dos profissionais que atuavam na escola, materializados em progressões e coletâneas, mostram critérios em relação à repetição e ao sequenciamento no ensino técnico dos exercícios e à importância de um trabalho pedagógico que considere a complexidade do objeto de ensino da EF. Diante das fontes analisadas, é possível sinalizar como os princípios para o ensino dos esportes, publicados entre 1932 e 1960, são “caros” à produção científica da EF, na atualidade. Os processos de silenciamento em relação ao ensino dos detalhes técnicos dos esportes, produzidos especialmente a partir da década de 1980, têm comprometido suas especificidades como componente curricular.

Se o lugar da EF nos currículos escolares foi consolidado, a partir da década de 1930, por meio do estabelecimento de critérios em relação “ao que” se ensina, temos acompanhado a sua desconstrução, sobretudo em relação àquilo que Fernando de Azevedo entendera como o “coroamento” da EF. Mais do que a defesa pelo ensino dos esportes, referimo-nos à necessária progressão dos seus objetos de ensino que, pela indissociabilidade entre a experiência corporal, intelectual e moral, consolidaram o seu processo de escolarização.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, H. W. Comentários, sob fôrma de perguntas e respostas, a respeito de varis aspectos do volley-ball. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 19-21, dez. 1936.
- ADAMS, H. W. Volley-ball technico. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 30-32, fev. 1937a.
- ADAMS, H. W. Volley-ball technico. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 42-45, abr. 1937b.
- ADAMS, H. W. Como ensinar o volley-ball technico. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 94-96, jul. 1937c.
- ADAMS, H. W. Volley ball technico: como ensinar o volley ball technico. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 49-51, set. 1937d.
- ALBERTO, C. Imprensa e esporte. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 79-80, 1932.
- ALLEN, F. C. O segredo de fazer menos “fouls”. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 119-120, 1932.
- ASHLES, C. W. O volley-ball já não é mais “um jogo para velhos”. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 43-44, set. 1936.
- AZEVEDO, F. de. *Da educação física: o que ela é, o quem tem sido e o que deveria ser*. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- BALL, W. H. Codigo de honra do athleta amator. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 83-85, 1932.
- BASTOS JR., J. S. Basket-ball: técnica individual e seu desenvolvimento. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 38, p. 29- 32, maio 1938a.
- BASTOS JR., J. S. Basket-ball: técnica individual e seu desenvolvimento. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 40, p. 33-35, jul. 1938b.
- BASTOS JR., J. S. Basket-ball: técnica individual e seu desenvolvimento. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 41, p. 3-5, ago. 1938c.
- BASTOS JR., J. S. Basket-ball: técnica individual e seu desenvolvimento. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 42, p. 11-14, set. 1938d.
- BASTOS JR., J. S. Basket-ball: técnica individual e seu desenvolvimento – coordenação do cap. José S. Bastos Junior. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 43, p. 10-11, out. 1938e.
- BASTOS JR., J. S. Basquetebol: técnica individual e seu desenvolvimento – coordenação dos cap. José S. Bastos Junior instrutor da E.E.F.E. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 44, p. 33-36, nov. 1938f.
- BENNET, V. S. Signaes com as mãos para juizes. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 43, set. 1936.
- BICCAS, M. de S. *O impresso como estratégia de formação: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)*. São Paulo: Fino Traço, 2008.
- BOSCOLI, G. Valor do “coach” num team. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 45-48, 1932.
- BROWN, F. Commentarios sobre basket-ball. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 67-68, 1932.
- BROWN JR., J. Volley-ball: conselhos primários. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 31-32, set. 1936.
- CARLSON, H. C. Fundamentos do basket-ball. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 103-108, 1932.
- CARVALHO, M. M. C. de. Livros e revistas para professores: configuração material do impresso e circulação internacional de modelos pedagógicos. In: PINTASSILGO, J. et al. (org.). *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Edições Colibri; Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade Lisboa, 2006. p. 141-175.

CASSANI, J. M. *Da imprensa periódica de ensino e de técnicas aos livros didáticos da educação física: trajetórias de prescrições pedagógicas (1932-1960)*. 2018. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

CHARTIER, A.-M. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 3, p. 9-26, jan./jun. 2002.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história cultural entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHIOCCA, R. Bola ao cesto feminino. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 99-100, 1932.

CROMIE, C. Volley-ball nos collegios. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 40-42, set. 1936.

CROSSMAR, N. Volley-ball para senhoras e moças. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 45, set. 1936a.

CROSSMAR, N. Regras para moças de escola elementar. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 45-46, set. 1936b.

EDUCAÇÃO PHYSICA, Rio de Janeiro, n. 1, 1932.

EDUCAÇÃO PHYSICA, Rio de Janeiro, n. 3, 1933.

EDUCAÇÃO PHYSICA, Rio de Janeiro, n. 6, 1936.

FERREIRA NETO, A. Publicações periódicas de ensino, de técnicas e de magazines em educação física e esporte. In: DACOSTA, L. P. (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 776-777.

FERREIRA NETO, A. *et al. Catálogo de periódicos de educação física e esportes (1930- 2000)*. Vitória: Proteoria, 2002.

FERREIRA NETO, A. *et al.* Por uma teoria da educação física brasileira na imprensa periódica de ensino, técnica e científica. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1473-1497, out./dez. 2014.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓIS JR., E. A institucionalização da educação física na imprensa: a construção da Escola Superior de Educação Physica de S. Paulo na década de 1930. *Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 701-714, abr./jun. 2017.

GÓIS JR., E.; MELO, V. A.; SOARES, A. J. G. Para a construção da nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 36, n. 131, p. 343-360, abr./jun. 2015.

HOFFER, J. Atletismo. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 15-16, set. 1933a.

HOFFER, J. Corridas. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 17-24, set. 1933b.

HOFFER, J. Barreiras. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 24-26, set. 1933c.

HOFFER, J. Arremesso de peso. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 26-27, set. 1933d.

HOFFER, J. Arremesso do disco. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 29-30, set. 1933e.

HOFFER, J. Arremesso do dardo. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 30, set. 1933f.

HOFFER, J. Salto de distancia com impulso. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 31-32, set. 1933g.

HOFFER, J. Salto de altura com impulso. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 33-34, set. 1933h.

HOFFER, J. Salto com vara. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 35-38, set. 1933i.

JOHNSON, D. M. H. Volley-ball para homens de negocio. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 44, set. 1936.

- KEOGAN, G. Qualidades de um bom jogador de basket-ball. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 61-63, 1932.
- LAVEAGA, R. E. Como conduzir um torneio de volley-ball. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 33-36, set. 1936a.
- LAVEAGA, R. E. Introdução do volley-ball. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 36-40, set. 1936b.
- LINHALES, M. A. Esporte e escola: astúcias na “energização do caráter” dos brasileiros. In: DEL PRIORE, M.; MELO, V. A. (org.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009. p. 331-358.
- LIRA, A. P. Estudo dos lançamentos. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 9, p. 24-25, jun. 1933a.
- LIRA, A. P. Estudo dos lançamentos. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 24-25, ago. 1933b.
- LIRA, A. P. Estudo dos lançamentos. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano II, n. 11, p. 22-24, out. 1933c.
- LIRA, A. P. Estudo dos lançamentos. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 33-36, jan. 1934a.
- LIRA, A. P. Estudo dos lançamentos. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 15, p. 5-8, abr. 1934b.
- LIRA, A. P. Página atlética: ensinando por gravuras. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 40, p. 27, jul. 1938a.
- LIRA, A. P. Página atlética: ensinando por gravuras. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 41, p. 7, ago. 1938b.
- LIRA, A. P. Página atlética: ensinando por gravuras. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 42, p. 51, set. 1938c.
- LIRA, A. P. Página atlética: ensinando por gravuras – pelo capitão Antônio Pereira Lira campeão brasileiro de peso. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 43, p. 31, out. 1938d.
- LOYOLA, H. *Voleibol*. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, [193-?].
- MORAES, C. Algumas combinações de sucesso. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 97-98, 1932.
- OEST, H. Os factores de brilho de uma partida de basket-ball. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 81-82, 1932.
- PACHECO, R. Bola ao cesto. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 95, 1932.
- RAPOSO, J. da G. A infância, a adolescência e a necessidade da pratica dos esportes. *Revista de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 88, p. 11-12, jul. 1958.
- RETZ, R. P. C. *Ver para fazer e aprender para ensinar: prescrições pedagógicas em imagens para a educação física (1932-1960)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.
- REZENDE, O. M. Technica de basket-ball. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-37, 1932.
- ROGERS, F. R. Afinal de contas para que jogar volley-ball? *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 46-48, set. 1936.
- SANTOS, M. R. Campeonatos collegiaes. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 93-94, 1932.
- SCHNEIDER, O. *Educação Physica: a arqueologia de um impresso*. Vitória: Editora da Ufes, 2010.
- SCHNEIDER, O. et al. A educação física, o esporte e o (Pan-)Americanismo em revista (1932-1950). *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 25, n. 2, p. 245-256, 2. trim. 2014.
- SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SIMS, H. J. Histórico do basket-ball no Brasil. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 53-58, 1932.

TORNEY JR., J. Jogo, exercícios e planos para o ensino de bola-ao-cesto. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 30, p. 31-34 e 68-71, maio 1939.

WELLS, C. Bola ao cesto: treinamento fundamental. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 26, p. 26-31 e 78, jan. 1939.

AGRADECIMENTOS: Os autores agradecem às seguintes agências de fomento, pelo auxílio financeiro destinado à pesquisa: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes), Edital Universal n. 006/2014 – Processo n. 67.6438.25; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Edital Universal 2018, Processo n. 435195/2018-2; Bolsa Produtividade CNPq Nível 2.

NOTA: O artigo se configura como desdobramento de um projeto guarda-chuva desenvolvido no âmbito do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria/Ufes). O mapeamento, a categorização e a análise do *corpus documental* foram conduzidos pela Professora Dra. Juliana Martins Cassani e pelo mestrando Lucas Oliveira Rodrigues de Carvalho. Os professores Dr. Amarílio Ferreira Neto e Dr. Wagner dos Santos orientaram esse processo, bem como aprofundaram a análise das fontes na redação e revisão do artigo.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

CASSANI, Juliana Martins; FERREIRA NETO, Amarílio; CARVALHO, Lucas Oliveira Rodrigues de; SANTOS, Wagner dos. "Julguemos o presente pelo passado": coroamento da educação física pelos esportes. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 266-298, jul./set. 2019. <https://doi.org/10.1590/198053146372>

Recebido em: 22 FEVEREIRO 2019 | Aprovado para publicação em: 12 AGOSTO 2019



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da licença Creative Commons do tipo BY-NC.

